**O PROGRAMA BIBLIOTECA AMBULANTE E LITERATURA NAS ESCOLAS (BALE): SEU PAPEL MEDIADOR NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO III DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Sheyla Maria Fontenele Macedo

Docente no curso de Pedagogia/DE/CAMEAM/UERN, [Sheyla\_macedo@hotmail.com](mailto:Sheyla_macedo@hotmail.com)

José Mário de Souza

Graduando do curso de Pedagogia/CAMEAM/UERN, [mariosouzagm@gmail.com](mailto:mariosouzagm@gmail.com)

Joana Darc do Nascimento Barros

Graduanda do curso de Pedagogia/CAMEAM/UERN, [jdjoca@hotmail.com](mailto:jdjoca@hotmail.com)

Naderglan da Silva Lima

Graduando do curso de Administração/CAMEAM/UERN, [Naderglan\_lima@hotmail.com](mailto:Naderglan_lima@hotmail.com)

**RESUMO:** O artigo em pauta tem por objetivo revelar a relevância do papel mediador do Programa Biblioteca Ambulante & Literatura nas Escolas (BALE) numa perspectiva interdisciplinar diante da disciplina de Estágio Supervisionado III, ministrada no curso de Pedagogia do *Campus* Avançado “Profª Maria Eliza de Albuquerque Maia” – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O BALE é um programa de caráter extensionista, premiado em diversas instâncias e que tem ações voltadas para o incentivo à leitura e a formação de leitores. O artigo é uma pesquisa de cunho qualitativo, assente nas pesquisas bibliográfica e pequena pesquisa de campo, com base na narrativa de uma professora do estágio em questão. O artigo foi organizado em três subtítulos: O Programa BALE: objetivos e processos; Desvelando reflexões sobre mediação; A experiência do Programa BALE no Estágio Supervisionado III do curso de Pedagogia. O artigo revela que o programa BALE se consolida como estratégia mediadora entre os diferentes componentes curriculares do curso de Pedagogia, na medida em que permite dar *vez e voz* aos saberes docentes dos futuros pedagogos, por meio da interação de práticas docentes transformadoras

**Palavras- chave:** BALE. Mediação. Estágio Supervisionado.

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem por finalidade discutir a relevância do papel mediador do Programa Biblioteca Ambulante & Literatura nas Escolas (BALE) na integração com a disciplina de Estágio Supervisionado III do curso de Pedagogia do Departamento de Educação do *Campus* Avançado “Profª Maria Eliza de Albuquerque Maia” – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O programa BALE é vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-Aprendizagem (GEPPE), do respectivo Departamento de Educação e funciona ainda em parceria com o Departamento de Letras do CAMEAM, cuja coordenação geral é da professora Phd. Maria Lúcia Sampaio Pessoa.

O artigo é uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e que inclui uma pequena pesquisa de campo, com base no diário de campo da professora de Estágio Supervisionado III. As narrativas enquanto perspectiva metodológica na pesquisa, são consideradas mais que uma exposição de fatos ou contos. Elas assumem, de acordo com Bruner (2001), uma forma de construir e perceber a realidade. E é nessa ótica que a vivência da professora de Estágio Supervisionado III, denominada para fins éticos nesse trabalho de PES, se apresenta.

O BALE é um programa de caráter extensionista e tem sido premiado em diversas instâncias por desenvolver ações voltadas para o incentivo à leitura e A formação de leitores. Utiliza de inúmeras estratégias nesse sentido, e possui a leitura como eixo pedagógico *libertador*, já que seu público alvo são comunidades de pessoas de baixo poder aquisitivo.

Para fins desse artigo, dialogamos com alguns estudiosos, de acordo com as diferentes categorias epistêmicas que levantamos nesse trabalho. Assim, no que se relaciona ao primeiro subtítulo O Programa BALE: objetivos e processos, nos pautamos nas referências de Freire (1981) e Martins (2007). Quanto as reflexões na esfera da mediação, foram tomadas leituras em Oliveira (2002) e Vygotsky (1984). No campo do estágio supervisionado, Lima (2012) revela o estágio como lócus privilegiado da *práxis* por estar impregnado do componente *reflexão*, sendo assim o campo fértil para o desenvolvimento de práticas docentes progressistas como o BALE.

O artigo se apresenta como mais uma instância reveladora do programa BALE no que tange as suas possibilidades na esfera da produção dos conhecimentos no âmbito da leitura e da formação leitora. Denota ainda que o programa se consolida como estratégia mediadora, na medida em que permite dar *vez e voz* aos saberes docentes dos futuros pedagogos, por meio da interação de práticas docentes transformadoras.

**DISCUSSÃO TEÓRICA E RESULTADOS ALCANÇADOS**

Nessa parte de nosso trabalho, realizamos a apresentação do programa BALE, desvelando seus espaços e dinâmicas. No segundo momento, trazemos ao cenário questões conceituais acerca da dimensão da mediação, e finalizamos o último bloco com uma imersão na experiência da professora de Estágio Supervisionado III, a partir de sua narrativa extraída da vivência com o diário de campo. Dessa maneira, as relações entre as três categorias de análise (O BALE, o Estágio Supervisionado, a Mediação) são desveladas a partir da abordagem interdisciplinar entre a teoria e a prática.

**1. O PROGRAMA BALE: OBJETIVOS E PROCESSOS**

O Programa BALE foi criado com a finalidade de promover o incentivo, o gosto pela leitura e a formação de novos leitores, em que o teatro tem sido uma das molas mestras para levar adiante o propósito elucidado, principalmente ao público que se identifica como o mais carente, em geral de crianças. Assim, sua ação é dirigida às escolas de Pau dos Ferros (bairros São Geraldo, Arizona, João XXIII e Riacho do Meio) e região do Alto Oeste Potiguar, em cidades circunvizinhas, tais como Portalegre, São Miguel, dentre outras.

Atualmente se encontra em sua décima segunda edição, cujas ações são balizadas a partir das seguintes estratégias: BALE\_PONTO DE LEITURA (arte da palavra), BALE\_EM CENA (artes cênicas e circenses), CINE\_BALE\_MUSICAL (arte cinematográfica e musical), BALE\_FORMAÇÃO (arte-educação) e o BALE. NET (arte digital).

O BALE teve suas atividades iniciadas efetivamente no ano 2007, período em que foi contemplado com o edital do Programa BNB de Cultura, consecutivamente aprovado na 2ª e na 3ª edição (2008 e 2009). Partindo da premissa de que a criança terá acesso a formas de leituras diversificadas: contação oral, contação teatralizada ou representadas de acordo com a realidade cultural, ambas com o objetivo de despertar na criança além do desejo de ler, uma perspectiva para a sua própria vivencia, no sentido de que a história trará uma lição para a sua própria vida.

Em virtude da dificuldade das zonas periféricas terem acesso ao livro, não havia também um incentivo adequado, pois mesmo tendo uma minibiblioteca em cada escola, as mesmas não tinham uma dinâmica de despertar o interesse pela leitura literária. Uma vez observada essa lacuna, o programa desenvolveu formas para atrair a criança através de um repertório de leitura diferenciado e que garante um conhecimento lúdico e divertido no tocante a aprendizagem das crianças.

O BALE tem toda uma dinâmica de atividades, são projetos, planejamento e controle e, por fim, melhorias para que o trabalho aconteça da melhor forma possível nos atendimentos em escolas. No planejamento temos como tomada de decisões e analise de lacunas, refletir as edições anteriores para se pensar nas edições posteriores. São desenvolvidas estratégias de atuação para com isso, conseguir obter os melhores resultados.

São necessárias reuniões e discussões das ações desenvolvidas no projeto BALE, que se organiza a partir de *canteiros,* que se configuram em áreas de atuação, em que são delegadas atividades e funções, dentre elas: atendimentos nas escolas, produções acadêmicas, formações para professores atuantes na educação, oportunidade para os estudantes universitários e pessoas da comunidade. Enfim, o BALE proporciona experiências que inovam e enriquecem os baleanos[[1]](#footnote-1) em sua formação acadêmica e pessoal. Tudo isso foi pensado como forma de preencher as lacunas existentes nas escolas acerca da leitura.

Sabemos que a leitura desperta os sujeitos para o conhecimento de mundo. Assim sendo, Martins (2007) esclarece a leitura “[...] como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológico, tanto quanto culturais, econômico e políticos”. Dessa forma, vale salientar que, segundo a autora, a leitura é um dos fios condutores da história para a vida, uma vez que a criança sendo tocada por uma boa história, desenvolve o desejo e gosto de aperfeiçoar a si mesmo, ou seja, fazer a diferença no meio em que está inserido.

Com relação ao ato de ler, Segundo Freire (1981)

Processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. (FREIRE, 1981, p. 11).

Freire nos aponta a importância do ato de ler e diz que esse processo envolve uma criticidade. A leitura de mundo que precede a leitura da palavra influencia diretamente na literatura que desperta o gosto da criança, pois se identifica com a realidade por ela vivida. Desse modo, percebe-se na visão do autor, que não é qualquer leitura que despertará o interesse de uma criança, o conteúdo a ela apresentado, deve conter exemplos que lhe serão uteis para a vida prática.

O processo de preparação de cada encontro, seja contação, encenação ou roda de leitura é feito com o devido cuidado para que o conteúdo da história escolhida esteja em consonância com a idade do público. Não basta ser um bom contador de histórias, é preciso que haja um interesse pelo conteúdo da história ofertada.

De acordo com Sisto (2001):

A grande dica para ser um bom narrador é ler muito; os livros, as placas, os gestos, as pessoas, a vida em cada coisa é não ter pressa, o contador de história tem que ter paixão pela palavra pronunciada e contar história pelo prazer de dizer. (SISTO, 2001, p. 17).

Contar é fazer uma releitura do mundo, é tirar do papel e trazer para a vida real acontecimentos que podem ser corriqueiros ou fictícios e dar-lhes uma nova interpretação. Ser um bom narrador exige muita leitura e para isso, é importante pensa-la como um estimulo que ultrapassa todas as barreiras e possibilita o novo, o real e até mesmo o imaginário.

**2. DESVELANDO REFLEXÕES SOBRE A MEDIAÇÃO**

Manifestando o pensamento sobre as ações realizadas pelo BALE, é notório nos participantes do programa o desejo e a prática de incentivar a leitura nas crianças. Saindo do conceito de que leitura é algo importante para o conhecimento da nossa língua e uma porta aberta para aprender sobre gramática, a concepção do BALE vai além, pois visa mediar a essência da leitura não só como leitura, e sim, como um mundo novo em que se tenha contato com a fantasia, uma fantasia que leve as crianças ao estado de conhecimento criando valores, aprendizados e plantando a semente da criatividade, dessa forma, despertando o prazer pela leitura.

Em um mundo com desigualdade e problemas sociais como *bullying* e outras dificuldades de convivência, as escolas não se encontram alheias a essas realidades. As crianças passam por problemas de identidade e convivência, fazendo da existência opressora o mundo do “faz de conta” que é uma fuga para uma vivência tão conturbada dentro e fora da escola, um refúgio em que a criança deixa de se importar com o meio a qual está inserida e se deleita dentro dos prazeres da leitura no mundo da imaginação e onde tudo é possível e todos os problemas são resolvidos.

Assim diz Vygotsky (1984):

No jogo de faz-de-conta, a criança passa a dirigir seu comportamento pelo mundo imaginário, isto é, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias. Assim, do ponto de vista do desenvolvimento, o jogo de faz-de-conta pode ser considerado um meio para desenvolver o pensamento abstrato. (VYGOTSKY, 1984, p.117).

A influência dos contos, histórias e fábulas para uma criança é encantadora, pois a envolve com outros acontecimentos, ações que, apesar de não ser dela, podem levar o contexto para a vida das mesmas. Conceitos que podem ser integrados de forma positiva e influenciá-las, pois o faz de conta, desperta sonhos, realidades e cria sempre novos conceitos, até então, a maioria das crianças se incorporam a algum personagem que a fez desejar ser o próprio personagem. E é nesse sentido que o programa BALE exerce o seu papel mediador, isso porque a: “Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 2002, p. 26). Então o BALE realiza essa mediação de forma lúdica e prazerosa. Quem nunca viu uma criança dizendo que era um certo personagem? As mediações no BALE servem como uma ponte entre as histórias apresentadas nos livros e a realidade em que a criança está inserida.

Tais mediações são adaptadas para o público infantil, o BALE trabalha para deixar a contação de histórias a mais atrativa possível, a fim de descontrair e prendermos a atenção do público alvo.

Segundo Silva (2011):

Retomando as diferentes perspectivas teóricas e práticas, podemos reconhecer que a mediação nos contextos escolares pode concretizar essa acção múltipla numa perspectiva preventiva, mesmo criativa, de promoção do sucesso escolar. (SILVA, 2011, p. 254).

Nessa perspectiva, acredita-se que, através do trabalho desenvolvido pelo BALE os estudantes encontram o estimulo necessário para desenvolver seu imaginário, bem como, encontram formas de aperfeiçoar sua vivência no ambiente social, seja escolar, familiar e na sociedade como um todo.

Formas modernas e tradicionais são mescladas e utilizadas para atingir os estímulos, sensações e percepções do público. São despertados os estímulos da plateia através da criação do senário, produção de indumentárias, caracterização dos personagens e principalmente a escolha da obra, visto que, para cada apresentação a obra deve ser escolhida de acordo com a faixa etária do público.

Deseja-se que cada interlocutor sinta o gosto de estar presente, porém, mais que isso, sintam-se parte do espetáculo ao mesmo tempo que interage ainda que, de forma intangível.

Conjuga-se o estímulo e a sensação para impulsionar a percepção dos ouvintes, bem como, fazê-los transcender ao real. Visto que, uma história bem contada tem o poder de transportar o ouvinte para um mundo próprio, o mundo de suas ideias. Nesse espaço, podemos ser autores de nossas próprias histórias e encontrar formas para incorporar as mesmas as nossas vivências.

Dialogando com Corso e Corso (2006) acerca das heranças:

Entre as heranças simbólicas que passam de pai para filhos, certamente, é de inestimável valor a importância dada à ficção no contexto de uma família. Afinal, uma vida se faz de história - a que vivemos, as que contamos e as que nos contam. (CORSO; CORSO, 2006, p. 23).

Tendo por base as ideias do autor, percebe-se que, as heranças simbolizam um valor relevante no tocante a família. As histórias contadas encantam o leitor e proporcionam uma boa herança cultural, seja pelo fato de que estas estão em contato direto com os vários meios de comunicação de massa, seja pela maneira de como a aprendizagem acontece.

A mediação do BALE está focada em deixar um dia comum na escola em um dia especial, nosso foco está em proporcionar e externar as emoções que estavam adormecidas em seu íntimo, proporcionando um resgate de suas emoções. A importância da contação de história e sua dramatização por forma do teatro está na busca de encantar, trazer uma atmosfera de sonhos e fantasias em que, para uma simples criança de escola pública, pode acreditar que se pode fazer coisas incríveis, como no mundo de faz de conta.

A importância desse trabalho é quebrar barreiras entre o livro e a criança, mostrando que, os livros abrem caminhos para a formação de leitores, onde os benefícios para as crianças são vastos, pois elas usam sua imaginação, se tornam mais criativas, incrementam seus vocabulários, melhoram a escrita e a comunicação, simplificam a compreensão das coisas, aumentam seus conhecimentos e criam senso crítico.

A busca por novos leitores é incansável, pois o número de leitores no Brasil entre 2011 a 2015, de acordo com a pesquisa realizada pelo IBOPE (2015) aponta que, apenas 56% da população é leitora. Isso significa que, precisamos formar mais leitores no Brasil e as crianças são o foco principal para realizarmos esse trabalho de mediação leitora.

Podemos destacar a importância da leitura em nossa sociedade, uma vez que, a mesma se configura como um processo dinâmico e dialético, despertando o imaginário da criança. Ler para contar, contar para ler, uma forma de incentivo e ao mesmo tempo, formação social e humana.

**3. A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA BALE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III DO CURSO DE PEDAGOGIA**

A disciplina de Estágio Supervisionado se constitui num componente curricular de cunho teórico-prático. Nessa perspectiva, o curso de Pedagogia do Departamento de Educação, do *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mantém três estágios em funcionamento, sendo o primeiro reservado à Educação Infantil, o segundo ao Ensino Fundamental e o terceiro voltado para experiências tanto em espaços escolares (tais como a gestão), como nos não escolares (Pedagogia Hospitalar, Social, do trânsito, etc). De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPCP, 2013), o Estágio Supervisionado é compreendido:

[...] enquanto atividade teórica instrumentalizadora da *práxis*, não se limita a aplicação de técnicas aprendidas, de conhecimentos adquiridos na formação acadêmica. O fundamental é aprender e mobilizar os diversos saberes, sobretudo, os próprios da Ciência da Educação, para assim, enfrentar os desafios, pesquisar, ensinar e aprender, constituindo-se assim num processo de mobilização e investigação na ação (PPCP, 2012, p.67).

É importante também complementar que de acordo com Lima (2012), estudiosa na área, que o estágio supervisionado reúne três aprendizagens. A primeira de que “a hora da prática é também a hora da teoria” (p. 24), ou seja, o estágio é também a instância para se manter em pauta a esfera do “saber”. Nesse sentido, entendemos que cabe ao professor do Estágio realizar a ligadura da experiência ocorrida no *lócus* da prática, com os conhecimentos e saberes vivenciados no processo do curso. Essa terá de ser produzida por meio da reflexão, que iluminará tanto o espaço da teoria, como o das vivências dos alunos estagiários.

A segunda aprendizagem é a de que a hora da prática é uma oportunidade para a *práxis* docente (LIMA, 2012). O que não significa o mesmo que a aprendizagem mencionada anteriormente, já que a *práxis* está impregnada do componente “reflexão como e na ação”, e que não é tão somente descortinada em seu princípio dialético, mas no que tange à dimensão do “fazer, agir”, sendo imprescindível a interação entre a teoria e a prática.

A terceira aprendizagem dimensiona o estágio como “pesquisa”, ou seja, o ato de pesquisar seria uma das competências a serem desenvolvidas e consideradas como parte da identidade do pedagogo, ou conforme afirma Lima (2012, p. 31,): “[..] é por excelência, um espaço de reflexão sobre a carreira docente”.

De nosso ponto de vista, entendemos ser o Estágio Supervisionado a instância para a realização de experiências vivas, em que o pedagogo teria de balizar as teorias de seu percurso formativo com diferentes práticas pedagógicas, que revelassem novos formatos e linguagens. O que significa que precisaria de superar as barreiras das práticas tradicionais, que enclausuram a didática, ao mesmo tempo em que, ousaria construir novos arranjos na esfera do ensino. Nesse sentido é que o programa BALE ao se integrar à experiência do Estágio Supervisionado III se constituiu numa ação educativa mediadora sendo utilizado como mote para a apropriação e a construção conhecimento nessa esfera do ensino, além de promover a integração entre as três aprendizagens assinaladas por Lima (2012).

Dessa forma, descreveremos a seguir as etapas do trabalho realizado, de forma que possamos mensurar a repercussão do programa, quando integrado à dimensão do ensino-aprendizagem.

A EXPERIÊNCIA PROPRIAMENTE DITA

Narra a professora PES que foi no semestre de 2017.1 que a disciplina de Estágio Supervisionado III se desenvolveu. Nesse ínterim, a professora elegeu o campo da “Educação para a Cidadania no Trânsito” como *lócus* educativo, isso por duas razões, a primeira em circunstância da experiência da professora orientadora que já trabalhara por 6 (seis) anos como pedagoga nesse espaço não escolar. Em segundo lugar, porque a educação para o trânsito é ainda um setor a ser desvendado e desbravado pelos cursos de Pedagogia em geral. Assim, a docente também justifica a necessidade de estudos nessa área, em razão de que:

Art.74 A educação para o trânsito é direito de todos e constitui dever prioritário para os componentes do sistema nacional de trânsito.

Art.76 A educação para o trânsito será promovida na pré-escola e nas escolas do 1º, 2º e 3º grau por meio de planejamento e ações coordenadas entre os órgãos e entidades do sistema nacional de trânsito e de educação, da união, dos estados, do distrito federal e dos municípios nas respectivas áreas de atuação. (BRASIL, 1997).

Logo, PES reconhece que a educação para o trânsito é uma necessidade premente, visto que no Brasil hoje cerca de 47 mil pessoas por ano vêm a óbito (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018), se constitui numa orientação legal para que seu ensino seja ministrado.

Dessa maneira, narra PES que o estágio foi iniciado com discussões sobre a temática, buscando-se realizar vários passos didáticos para a culminação do objetivo de perceber a importância do papel do pedagogo diante da educação de crianças e adultos, na transformação de atitudes e comportamentos no trânsito. Nesse sentido, realizaram-se várias atividades programadas, e que se constituíram em pré-requisito da disciplina de Estágio Supervisionado III, relativas à regência e a um projeto de intervenção. Foi apresentado exatamente o planejamento do projeto intervencionista, em que identificamos o BALE utilizado como ferramenta de mediação, em que foram cumpridos o seguinte passo a passo:

1. Mobilização dos alunos para a produção de texto literário voltado para o público infanto-juvenil (com a participação da professora supervisora[[2]](#footnote-2));
2. Aprovação no grupo de estagiários do texto escrito;
3. Mobilização de recursos para a gravação em estúdio da peça eleita;
4. Organização do cenário a partir de materiais de artes;
5. Contato com espaços em que a peça seria apresentada;
6. Divulgação do projeto em blogs e rádio;
7. Apresentação da peça *As princesas dos contos de fada no trânsito brasileiro*. (ver apêndice desse documento).

De acordo com PES, cada uma dessas etapas exigiu grande empenho do grupo de estagiários, pois eram novas as experiências. A peça, por exemplo possuía algumas pitadas de humor e a inclusão do clipe musical “Pare, olhe e siga as regras de segurança”, sendo essas duas características as que prendiam a atenção dos espectadores em todos os espaços em que o teatro fora apresentado.

A mobilização dos alunos estagiários foi segundo a professora, grande. Tiveram que se organizar em direção ao levantamento de recursos para que se conseguisse fazer a gravação em áudio da peça num estúdio profissional, assim como realizar o contato com os espaços onde a peça seria apresentada. O Centro Educacional de Condutores do Alto Oeste Potiguar (CECAP) colaborou com parte dos custos da gravação, a outra foi patrocinada por um estúdio local da cidade campo de estágio, denominado “Studio Jotinha”. A ida até o estúdio no centro da cidade de Pau dos Ferros, no interior do Rio Grande do Norte/RN, foi um dia que gerou muitas expectativas: “[...] a maior parte dos alunos jamais estivera em um, ou menos ainda, participado de uma atividade dessa natureza” (PES, 2017).

Após vários contatos, a professora nos revela que foram fechados os seguintes locais para a realização do projeto intervencionista e apresentação da peça do BALE em questão: Supermercado Queiros, Escola de Educação Básica, Semana Universitária do CAMEAM, Atividade de desfecho do Estágio Supervisionado. Sabendo da atividade, a diretora do Grupo de Educação para o Trânsito (GETRAN) na Secretaria Municipal de Segurança Pública, Defesa Civil, Mobilidade Social e Trânsito (SESEM) de Mossoró/RN, onde parte do estágio foi realizado, fez o convite para que o grupo ministrasse uma palestra a todos como parte da abertura da Semana Nacional de Trânsito (de 18 a 25 de setembro), e que também fosse a peça exibida. Assim, em cada um desses lugares, o BALE se apresentou. Importante mencionar que, no grupo de estágio havia já alunos que compunham o BALE em pelo menos duas edições, os demais alunos participaram da peça ativamente como personagens (sob orientação dos baleanos) e outros ficaram responsáveis pelo cenário e apoio na exibição.

A ida a um programa de rádio local, denominada Obelisco, também foi uma estratégia de divulgação, segundo PES. Na ocasião foram discutidas as questões relativas a problemática da educação no trânsito, em que se mencionou a importância da literatura e do teatro em atividades integradoras com a esfera do ensino.

Por fim, PES nos informa que foi por intermédio do BALE que muitas competências foram desenvolvidas, desde a autonomia, à responsabilidade diante dos compromissos assumidos com os espaços em que o estágio se desenvolveu, além da socialização entre as alunas do curso de Pedagogia, diante da necessidade da criação de cenários e roupas para a peça do BALE. E arremata:

Sem dúvidas a contação de histórias é uma instância formativa e formadora. Formativa do ponto de vista que se constitui numa ferramenta da formação enquanto parte do desenvolvimento profissional dos graduandos. E formadora, pois pude perceber o amadurecimento das estagiárias diante de cada uma das instâncias do planejamento que o BALE exigiu. (PES, 2017).

Assim, identificamos ainda ser a interdisciplinaridade interlaçada à mediação, como um dos eixos metodológicos na realização do Estágio Supervisionado, sendo o BALE uma das principais ferramentas nesse sentido, já que sua função transcende a palavra escrita, pois corrobora na reinvenção da construção dos significados que cada obra literária apresenta.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A mediação é antes de mais nada uma atitude que terá o professor de assumir em direção ao compromisso do ensino-aprendizagem de seus alunos, de forma que o conhecimento possa se transformar em saber e gerar cada vez mais, novas e novas oportunidades e experiências educativas. Nesse sentido, o BALE é uma das estratégias que corroboram na formação desse comportamento mediador, já que possibilita uma visão dinamizadora das práticas docentes. Especialmente porque a leitura crítica e sensível, constrói possibilidades dialógicas entre os diferentes saberes, não priorizando um, em detrimento dos demais.

O estágio supervisionado é também o *lócus* propício para que a mediação se forje como prática docente, em que programas como o BALE se consolidam como parte da formação profissional dos alunos. O BALE como instância formativa, mais do que estimula o gosto pela leitura, mais do que forja leitores, propicia a mediação da pessoa consigo e com a leitura de mundo, hierarquizando a docência na realidade objetiva de seu *fazer*. E diante de temáticas como o trânsito, permite ao futuro professor que, consiga realizar a transposição dos conteúdos comuns, para outras e diferentes áreas da vida. Assim, o trânsito deixa de ser um “[...] um fenômeno essencialmente social [...]”. (ROZESTRATEN, 2004, p. 23), mas passa a ser uma parte que se desprende da vida. Foi nesse sentido que, as estagiárias perceberam que estamos o tempo todo em trânsito, que transitar é um direito, é um estado de manifestação nos diferentes espaços, quer sejam públicos ou privados, e que está para bem além da visão do trânsito enquanto tráfego de carros e pessoas. É isso o que faz a leitura, o que faz o BALE, traz a vida para dentro da vida.

**REFERÊNCIAS**

BRUNER, Jerome. **Atos de significação.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

DIANA, Liechtenstein Corso; CORSO, Mário. **Fadas no Divã:** Psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. Fórum Segurança no Trânsito. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2017/05/1888812-transito-no-brasil-mata-47-mil-por-ano-e-deixa-400-mil-com-alguma-sequela.shtml>. Acesso em 27 de abril. 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 1981.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: brasiliense, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. In: CASTORINA, José Antonio et. Al. **Piaget e Vygotsky:** novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 2002. p. 51-81.

ROZESTRATEN, Reinier Johannes Antonius. Educação para o trânsito é necessária? Ensino transversal de trânsito. In: \_\_\_\_\_\_. **Psicopedagogia do trânsito:** princípios psicopedagógicos da educação transversal para professores do ensino fundamental. Campo Grande: UCDB, 2004.

SILVA, Ana Maria e. Mediação e (em) educação: discursos e práticas. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 6, n. 12, p.249-265, jul/dez 2011.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-faz-de-conta-segundo-vygotsky/123299#ixzz5Cfd3DrSr>. Acesso em: 14 abril. 2018.

1. Denominação para as pessoas que são envolvidas diretamente nas atividades pedagógicas do programa BALE. [↑](#footnote-ref-1)
2. Em apêndice o texto literário produzido: “AS PRINCESAS DOS CONTOS DE FADA NO TRÂNSITO BRASILEIRO”. [↑](#footnote-ref-2)